



EXPRESSÕES CULTURAIS

Entrevista



DIÁLOGOS TRANSNACIONAIS: AS VOZES DA LITERATURA E AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM ANGOLA. ENTREVISTA COM NSIMBA JOSÉ

Por Nsimba José, Caroline Coltrin Pereira & Gustavo Augusto Moreira

Nsimba José

Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
nsimbakilongo@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7270962052381673>

Caroline Coltrin Pereira

Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
carolinecoltrin@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0007-7223-7890>

Gustavo Augusto Moreira

Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
gustavo1997moreira@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-2502-1379>

Biografia: Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Línguas e Literaturas em Línguas Angolanas pela Universidade Agostinho Neto (Angola), o professor Nsimba José tem sua trajetória acadêmica marcada por uma abordagem interdisciplinar, articulando literatura, semiótica, antropologia, sociologia, história e estudos feministas para investigar as práticas poético-musicais em línguas bantu, especialmente o kikongo e o umbundu, com foco na memória e na performance cultural. Atualmente docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade do Estado do Tocantins (UFT), ele mantém vínculos com a Universidade Agostinho Neto e a Universidade Metodista de Angola. Ele também é pesquisador associado a núcleos dedicados aos estudos africanos e afro-brasileiros e exerce funções editoriais em revistas internacionais voltadas para culturas e línguas africanas. Tem contribuído para o campo dos estudos literários e linguísticos africanos, com publicações e organização de livros que abordam desde a oralidade e performance até questões de identidade cultural e políticas linguísticas. Sua pesquisa destaca a importância das línguas autóctones, especialmente o kikongo, como elementos fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais, históricas e culturais na África e na diáspora, ressaltando também seu caráter transnacional e o papel das línguas no fortalecimento da identidade cultural e das interações interculturais.

Como citar:

JOSÉ, N., COLTRIN PEREIRA, C., MOREIRA, G. A. Diálogos transnacionais: as vozes da literatura e as políticas linguísticas em Angola. entrevista com Nsimba José. **Boletim GeoÁfrica**, v. 4, n. 12, p. 168-176, jan.-jun., 2025





Entrevista com Nsimba José

Nesta entrevista, o professor Nsimba José, doutor em Literatura pela UFSC, compartilha a sua trajetória interdisciplinar que articula literatura, linguística, história, geografia e antropologia. Sua pesquisa foca na memória coletiva em canções de mulheres angolanas, oriundas do município Kwimba (Zaire) e da região de Ekunya (Huambo), com o objetivo de explorar a realidade cultural desses locais e a relação entre a materialidade das línguas e a comunicação com a expressão de outros seres, como a natureza e os animais. A partir dessa perspectiva, o pesquisador expõe, de forma mais macro, a organização das políticas linguísticas em Angola e as relações de migração que interferem nas línguas, na cultura e nas vozes da literatura exercida por diferentes sujeitos. Por fim, ele traz uma crítica com relação às políticas que buscam privilegiar o português em detrimento das línguas autóctones, apesar do discurso político envolvido com a questão.

169

Boletim GeoÁfrica. *Para iniciar, poderia compartilhar uma visão geral de sua trajetória acadêmica e agenda de pesquisa? De que forma sua especialização em literatura pode integrar estudos sobre o funcionamento da língua kikongo?*

Sou doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possuo mestrado em Línguas e Literaturas em Línguas Angolanas pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (Angola), tenho licenciatura em Ciência da Educação, opção Ensino de Línguas e Literaturas Africanas pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (Luanda – Angola), e bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto. A minha tese de doutorado incide sobre a memória a partir de canções cantadas por mulheres angolanas, mais concretamente nos rios Kwilu e Bulunga, no município do Kwimba (Zaire), e nos rochedos, na região de Ekunya (Huambo). Baseada nas pesquisas etnográfica, documental e bibliográfica, a tese tem por objetivo contribuir para melhor compreensão possível da realidade sociocultural das regiões estudadas, assim como explicar a maneira como a performance se evidencia nessas práticas poético-musicais que se dão nas esferas da visibilidade e da audibilidade, dirigindo-se para uma audiência real: as *performers*, cujos textos são entoados em kikongo e umbundu, respectivamente. Para atingir os objetivos preconizados, a tese articula a abordagem teórico-metodológica sob o viés interdisciplinar, ou seja, cria um tipo de unidade que não é de



redução, mas de circuito ou rede de interlocuções teóricas que cruzam os domínios de conhecimento como literatura, semiótica, antropologia, sociologia, história e estudos feministas e de gênero. Essa articulação argumentativa possibilitou compreender que, como quaisquer outros documentos, as canções em causa são portadoras de histórias e, por conseguinte, revelam diversas questões vivenciadas pelas comunidades. Ocorre que a enunciação de memórias se inscreve nas práticas poético-musicais das comunidades e nos rios e rochedos, vistos como espaços de interlocução cênica. Atualmente, a agenda da minha pesquisa privilegia a investigação e o estudo de artefatos estético-simbólicos atravessados pelo uso verbal e gesto-visual da palavra e as suas relações com outros operadores de memória, como escultura e tambores. Relativamente à forma como minha especialização em literatura pode integrar estudos sobre o funcionamento da língua kikongo, é importante reconhecer as práticas linguísticas no contexto kongo, as quais estão longe de serem abordadas exclusivamente sob o viés materialista e convencional, que acentua o código verbal como bandeira. Com isso, pretendo sinalizar o paradigma da participação vital, no qual, no contexto bantu-kongo, todos os seres estão interconectados e se comunicam. Dito em outros termos, todos os seres retroalimentam-se — não nos faltam evidências sobre outras vozes e outras gargantas, por assim dizer. Essas vozes não podem ser ignoradas por vários motivos, dentre eles, pois participam da constituição de nossas subjetividades, ou seja, as vozes desses outros seres (aves, ancestrais, minerais, rios, montanhas etc.) afetam e estruturam as nossas visões e percepções do mundo nas suas mais diversas vertentes. Dito isto, entendo que, como bem mostram inúmeros estudos, a literatura enquanto campo discursivo não deixa à parte a língua, que é resultado de todo um processo histórico. Além do mais, é importante pontuar que, no contexto bantu-kongo, são incontáveis as narrativas acerca da comunicação entre o muntu e os outros seres. Por isso, não se pode admirar o fato de que os pastores de gado, os caçadores e os pescadores, por exemplo, revelam conhecimento profundo sobre como se relacionar com o meio ambiente e com os animais de várias espécies. Eles desenvolvem uma apurada sensibilidade visual, gestual, sonora e auditiva, o que faz com que mobilizem práticas comunicativas com outros seres. A literatura acaba sendo também o lugar de práticas sociodiscursivas com profusão temática: sexualidade, violência, guerra, migrações etc.



Boletim GeoÁfrica: *Qual a configuração atual das línguas em Angola? A partir de sua pesquisa, como avalia o papel das diferentes línguas, incluindo o português e as línguas autóctones, na composição territorial do país?*

Angola, assim como outros países africanos, como África do Sul, República Democrática do Congo, Namíbia, República do Congo, Gabão, Zâmbia, Zimbabwe, Moçambique, Malawi, Tanzânia e Kenya, é caracterizado pelo plurilinguismo, dado o fato de existirem várias línguas africanas faladas nesse território. Temos, aqui, dois grupos de línguas africanas, a saber: línguas bantu (cokwe, kimbundu, kikongo, ngangela, olunyaneka, oshindonga, umbundu, entre outras) e línguas não bantu (khoisan). Estudos revelam que o povoamento humano do território angolano data de, pelo menos, 12.000 anos, e, inicialmente, foi habitado pelos khoisan (hotentote, vakankala ou kamusekele também chamados de nosquimanes) e vátwa, segundo João Fernandes e Zavoni Ntundo, em seu livro *Angola: povos e línguas*, publicado em 2002. Um dos marcadores linguísticos que distingue as línguas khoisan das bantu é a presença de clicks. É importante sublinhar que, ao contrário de países como Namíbia e África do Sul, onde as línguas khoisan são faladas e estudadas, em Angola, mesmo no período pós-independência, são bastante exíguos os estudos acerca dos khoisan. Um dos aspectos preocupantes acerca desse assunto é o fato de, por exemplo, as línguas desse grupo não figurarem no processo de ensino e aprendizagem por carecerem de estudos científicos profundos. Isso não pode ser afirmado em relação às línguas bantu, as mais estudadas e ensinadas em Angola. Por exemplo, hoje, temos instituições de ensino superior vocacionadas para a investigação e o ensino das línguas e literaturas em línguas africanas faladas em Angola — destaco a Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto, que conta com os cursos de Línguas e Literaturas Africanas e Línguas e Literaturas em Línguas Angolanas, na graduação e pós-graduação, respectivamente; e o Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Luanda), que possui o curso de Línguas e Literaturas Africanas e tem por objetivo formar professores (as) de línguas e literaturas em línguas africanas. É importante apontar que, apesar dos avanços registrados no que diz respeito à pesquisa e ao ensino das línguas africanas faladas em Angola, o processo de ensino deixa muito a desejar por várias razões, dentre elas, a falta de uma política linguística séria, que vise sair dos discursos político-ideológicos para a materialização de um sistema de educação e ensino verdadeiramente plural e inclusivo e que promova justiça social. Para tal, é importante que o processo em causa se desconecte dos modelos herdados dos colonizadores e que seja discutido amplamente, de forma que extrapole as fronteiras



disciplinares. Quanto ao português, que é língua oficial em Angola, há uma abrangência nacional de seus falantes, dado o fato de, por exemplo, ser a língua da administração pública e de ensino nas escolas, sejam elas públicas ou privadas. E volto à questão das línguas africanas faladas nesse território. Passados 49 anos desde a Proclamação da Independência de Angola, temos perguntas inevitáveis, como, por exemplo: quando haverá o ensino efetivo das nossas línguas em todo território? Entendo que a falta de uma política linguística séria faz com que, até hoje, ainda que não se admita explicitamente, esse país continue a legitimar, de certa maneira, o monolingüismo na esfera pública. Um dos perigos dessa perspectiva consiste no fato de se acentuar o monolingüismo em um país heterogêneo, com diversidade linguística e cultural. Essa questão faz-me lembrar o discurso de cariz nacionalista em África, que é resultado de uma série de políticas linguísticas de homogeneização de populações falantes de várias línguas, o que silencia toda uma série de conhecimentos de povos e culturas no continente africano. Tal como se deu na Europa, em África (e Angola não é uma exceção), a constituição de Estados-nações declarou e legitimou territórios considerados nacionais, nos quais também surgiram construções ideológicas de categorias linguísticas como língua oficial que, como mostram inúmeros estudos, ao se acentuar o monolingüismo em contextos plurilingue, (re)desenha-se não só a violência simbólica, mas também o subdesenvolvimento de países.

Boletim GeoÁfrica: No contexto das migrações internas entre áreas rurais e urbanas em Angola, que impactos são observáveis sobre as línguas autóctones? Esses deslocamentos populacionais têm reflexos também na literatura produzida em Angola, em termos de temas e expressões linguísticas?

Nesse contexto, é inevitável o contato de pessoas e de línguas. É observável inclusive na fala de pessoas em trânsito ou não. Isso pode ser verificado em vários níveis linguísticos (fonético, fonológico, morfológico, sintático, apenas para exemplificar). Em síntese, as práticas linguísticas, assim como os sujeitos social e historicamente situados, interagem, influenciam-se uma das outras, em virtude do contato, que também enriquece as línguas, as culturas e os (as) falantes. E, claro, a literatura, enquanto campo de práticas sociodiscursivas, mostra justamente a língua e a potência de seus mistérios, por assim dizer, mas também há outras questões profundas. Nessa perspectiva, destaco que não são poucas as vezes em que se verifica novas formas textuais nas quais se evidenciam reflexos de estruturas tributárias da tradição oral. É o caso de *Mayombe*, romance de



Pepetela (2013), escritor angolano; e o poema *Pão & Fonema*, de Corsino Fortes (1980), poeta cabo-verdiano, cuja composição se constitui a partir de elementos constitutivos da épica oral africana, como mostra Ana Mafalda Leite (1987). Por outro lado, é importante sinalizar que as produções poéticas locais revelam diversos temas e um deles tem precisamente a ver com fluxos migratórios. Aqui, destaco um exemplo: “*Holden, utusonga nzila Ngola*” (Holden, mostre-nos o caminho para Angola), uma composição poético-musical cantada em vários lugares de convivência na região kongo. Ela faz alusão a Holden Roberto, nacionalista e líder da UPNA (União das Populações do Norte de Angola), que depois foi chamada UPA (União das Populações de Angola), em 1958, e transformada em FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), em 1962. Como acentuam Pélissier e Wheeler (2016), o período que antecedeu a independência de Angola, sobretudo a década de 1960, foi marcado pelos debates anuais das Nações Unidas acerca das políticas africanas de Portugal. Um dos efeitos mais significativos das Nações Unidas foi providenciar assistência aos(as) refugiados(as) angolanos(as), que foram impelidos pela guerra em direção a países como Congo-Kinshasa, Zâmbia e Congo-Brazaville. Foi justamente nesse período que muitos(as) angolanos(as) radicados(as) na República Democrática do Congo (RDC), por exemplo, começaram a regressar a Angola. A composição poético-musical a que me refiro não deixa de ser um documento que evidencia o fluxo migratório, que se intensificou com a Proclamação da Independência de Angola em 1975.

Boletim GeoÁfrica: Como especialista na língua kikongo, qual é a sua visão sobre o impacto de seu caráter transnacional? Em que medida a língua kikongo é capaz de contribuir para interações comerciais e culturais com os países vizinhos?

Este aspecto justifica-se pelo fato desta língua ser falada em algumas regiões de países como Angola, República Democrática do Congo, República do Congo e Gabão. No fundo, essas regiões pertenceram a Kongo dya Ntotila (“Reino do Congo”). Nos falantes dessa língua, especialmente aqueles que estão em processos de fluxos migratórios nas zonas fronteiriças desses países, é bastante visível o uso da língua para fins diversos. Há casos em que membros de determinadas famílias têm duas nacionalidades, por exemplo, uns são congolese e outros, angolanos. A explicação desse cenário é simples, já que a divisão criminosa de África pelos colonizadores europeus deu origem a colônias, países herdados da colonização enquanto processo e do colonialismo enquanto sistema. Com essa divisão, determinadas famílias ficaram divididas, pelo



menos geograficamente, cada uma delas com uma nacionalidade imposta. Certo é que, para muitos nativos da região kongo, por exemplo, nascidos em Angola, quando há algum problema familiar, a sua resolução conta com a participação de outros membros familiares nascidos na RDC. O mesmo pode-se dizer em relação ao povo de língua cokwe, no extremo leste de Angola. Esse povo tem sua extensão em países como RDC.

Boletim GeoÁfrica: Como a língua kikongo e as outras línguas autóctones se manifestam literariamente em diversos contextos geográficos? É possível identificar particularidades temáticas e estilísticas na literatura de diferentes regiões onde a mesma língua é falada?

Para além da literatura lida, pensada e teorizada a partir da página, é notável muitas particularidades nos textos estético-simbólicos expressos em kikongo. Falo do que se vem chamando de poéticas da voz, majoritariamente não textualizadas, pois sua circulação dá-se em kikongo e a sua interação com o português, kimbundu, Lingala (língua da RDC) e francês, por exemplo, revela, como não poderia deixar de ser, uma riqueza imprescindível. Parte desse material (textos estético-simbólicos) circulam em suportes como instrumentos musicais e peças de escultura. Essa poética é um campo fértil para investigação e requer especialistas que dominam profundamente a língua e a cultura Kongo, além de poder evidentemente dar outras dimensões a várias disciplinas científicas.

Essa expressão poética pode ser observada abaixo, na imagem 1¹.

¹ A imagem, escolhida pelos autores, exemplifica os textos estético-simbólicos, evidenciando a relação entre a materialidade das línguas e a comunicação simbólica no contexto Kongo. As esculturas desse tipo não são meros objetos artísticos, mas entidades que armazenam e manifestam forças espirituais. O trabalho do escultor e do nganga (especialista ritual) na criação de tais peças reflete a complexidade das práticas culturais Kongo, onde a poética da voz se expressa em suportes não textuais, como a escultura e a música.

Imagem 1. Figura de Poder Masculina (Nkisi), Povo Kongo, Século XIX²



Fonte: *Metropolitan Museum of Art*. Domínio Público

Boletim GeoÁfrica. *Há uma política linguística oficial em Angola que influencie a preservação e promoção das línguas autóctones? Quais são as principais diretrizes e os desafios que envolvem política? Qual é o papel atribuído atualmente à língua kikongo nesse contexto?*

A política linguística está amparada em legislações oficiais e institucionais, como a Constituição da República de Angola (CRA), de 2010, artigo 19, artigo 21, alínea n, bem como a Lei de Bases do Sistema de Educação que, no seu artigo nono, aponta que o ensino nas escolas é ministrado em português e que o Estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e a generalização da utilização e o ensino das línguas nacionais. A esse respeito, como bem mostra a realidade, maior prestígio social e simbólico está reservado ao português, língua hegemônica e de prestígio social, e não às línguas nacionais que, passados 49

² Escultura feita em madeira, ferro, vidro, terracota, conchas, tecido, fibras, pigmentos, sementes e contas. Peça ritualística que abriga forças espirituais, utilizada para cura, proteção e justiça.



anos da independência de Angola, não passam de projetos pilotos, por assim dizer. A situação é mais grave quando se pensa as línguas do grupo khoisan, inexistentes no sistema de educação e ensino angolano. Com isso, infere-se a predominância de um discurso político muitas vezes contraditório e ambivalente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGOLA. **Constituição da República de Angola**. Diário da República, 1ª Série, n. 23, 5 fev. 2010. Retificada pela Declaração inserta na 1ª Série, n. 165, 31 ago. 2010. Disponível em: <<https://tribunalsupremo.ao/wp-content/uploads/2018/05/constituicao-da-republica-de-angola.pdf>>. Acesso em 10 de maio 2025.
- ANGOLA. Lei nº 13/01, de 31 de dezembro de 2001. **Lei de Bases do Sistema de Educação**. Diário da República, Luanda, 31 dez. 2001. Disponível em: <https://www.unicef.org/angola/media/1381/file/Lei%2013_01_Lei%20de%20Bases%20do%20Sistema%20de%20Educacao%20de%20Angola%202001.pdf>. Acesso em 10 de maio 2025.
- FERNANDES, J.; NTONDO, Z. **Angola: povos e línguas**. Luanda: Editora Nzila, 2002.
- FORTES, C. **Pão & Fonema**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980
- LEITE, A. M. A discursividade épica em Mayombe de Pepetela. In: FERREIRA, Manuel. (Org). **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**: Compilação das comunicações apresentadas durante o Colóquio sobre literatura dos países africanos de língua portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p.35-43.
- THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Power Figure: Male (Nkisi), Kongo peoples, 19th century**. [Imagem]. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/316404>. Acesso em: 30 maio 2025.
- PÉLISSIER, R.; WHEELER, D. **História de Angola**. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed.
- PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013.